

Em seis anos, irá de 95 para 103 bilhões

Brasília — Em seis anos, a dívida externa líquida brasileira (dívida bruta menos reservas cambiais) passará de 95 bilhões de dólares (1984) para 103 bilhões de dólares (1990). Essa previsão é de técnicos do Ministério do Planejamento que estão estimando uma queda real da dívida líquida de 3% a 4% ao ano, com base na expectativa da inflação mundial de situar em 5,5% no período de 1984 a 1985. Assim, a dívida externa líquida cresceria em termos reais só 21% de 1984 a 1990.

Se a previsão for correta, o país não terá dificuldades em obter empréstimos no mercado financeiro internacional. As estimativas fazem parte de um documento preparado pelo Instituto de Planejamento (Plan) do Ministério de Planejamento, ao fazer uma análise da política econômica do Governo, incluindo perspectivas para o setor externo. Esse documento está sendo entregue a alguns membros do Governo Tancredo Neves.

O estudo recomenda que, para o futuro, "o aporte de dinheiro novo deve subordinar-se ao objetivo maior de retomada do crescimento econômico dando continuidade ao processo iniciado em 1984. A função econômica a preencher é, portanto, a de recuperar o quanto antes os níveis de renda **per capita** que foram perdidos desde 1981". Existe uma ressalva no sentido de que "esse objetivo não deve ser obtido a qualquer custo. Antes de tudo, os bancos têm de concordar com concedê-los".

O trabalho, elaborado por técnicos do Instituto de Planejamento da Seplan, recomenda que se as autoridades brasileiras desejam tomar novos empréstimos no mercado financeiro internacional devem demonstrar aos bancos emprestadores que esses recursos se destinam a um programa de retomada do crescimento do PIB e que essa estratégia é compatível com um crescimento moderado da dívida externa. Só assim, o país conseguirá captar recursos no mercado internacional em condições normais.

As previsões para o período de 1985 a 1990 são otimistas: nada de crise de petróleo, nenhuma grande recessão no mundo desenvolvido, a não ser um pequeno ajuste em 1986, liderado, naturalmente, pela economia norte-americana. Assim, o crescimento médio do comércio mundial se projeta em 3,4% para 1985-1990, taxa abaixo da média histórica. Quanto à taxa de juros, espera-se uma queda, em 1986, quando chegará ao nível real de 4%, patamar que deverá ser mantido até 1990.